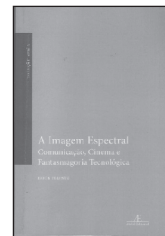


Pensando o fantasma como imagem e tecnologia de comunicação

Lucia Leão

FELINTO, Erick (2008). *A imagem espectral: comunicação, cinema e fantasmagoria tecnológica*. São Paulo: Atelier Editorial. 144 p.



Resumo: Imaginário cultural, tecnologias audiovisuais e fantasmagoria são os fios a partir dos quais Erick Felinto tece uma paisagem complexa e imbricativa, desveladora de conexões inusitadas e luminosas. Composto por reflexões, estudos de casos e referências à arqueologia das mídias, o livro apresenta o fantasma como uma das formas de representar o terror tecnológico.

Palavras-chave: comunicação; imagem; fotografia; cinema; audiovisual; fantasmagoria

Abstract: *The phantom seen as an image and communication technology* — Cultural imaginary, audiovisual technologies and phantasmagoria are the leads from which Erick Felinto weaves a complex and imbricate landscape, which reveals unusual and luminous connections. Composed of reflections, case studies and references to the archeology of medias, the book presents the phantom as one of the forms of representing technological terror.

Keywords: communication; image; photography; cinema, audiovisual; phantasmagoria

A imagem espectral: comunicação, cinema e fantasmagoria tecnológica, livro lançado em 2008 por Erick Felinto — professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro —, é um convite a reflexões sobre o fantasmagórico no imaginário cultural do cinema de horror. Lançado no mesmo ano que *Silêncio de Deus, silêncio dos homens: Babel e a sobrevivência do sagrado na literatura moderna* (Sulina), fruto de seu doutorado em Letras sob orientação de Italo Moriconi Jr., seu texto é revelador de um perfil intelectual rico e particular.

O autor nos conta, no texto de abertura, que a ideia de pesquisar o tema das tecnologias audiovisuais e sua persistente fascinação pelas fantasmagorias foi sendo pensada aos poucos, a partir de uma série de coincidências significativas que culminaram com o contato com o filme do diretor mexicano Guillermo Del Toro *A espinha do diabo*, de 2001. O filme, mais do que mera inspiração para o livro, trouxe a Felinto um modelo de fenomenologia da imagem fantasmática e acabou se tornando um roteiro de escrita. Como mapa para suas reflexões, o autor escolhe uma série de frases que surgem no início do filme. Apesar de parecerem sem sentido e enigmáticas, essas frases compõem um diagrama poético daquilo que será o fantasma. Outro aspecto interessante é que esses dizeres são lidos por um narrador que não aparece nas imagens, realçando ainda mais a aura de mistério. Assim, cada um dos oito capítulos que compõem a obra começa com uma epígrafe extraída do texto inicial do filme. O capítulo 1, por exemplo, dedicado a explorar a questão do duplo fantasmático, começa com a inscrição poética em espanhol “un evento terrible, condenado a repetirse una y otra vez...” (“Um evento terrível condenado a repetir-se infindavelmente”). O autor desenvolve a questão do duplo a partir da narrativa de um episódio ocorrido com ele aos treze anos de idade. Em um ambiente escuro, ele nos conta que viu de relance uma imagem espectral, sombria, que transmitiu uma tristeza que o deixou impressionado. Pouco depois, pergunta: “Mas um fantasma como, se sua imagem era minha imagem?”. Entre referências a Lacan, Freud, Borges, Poe e Kafka, o autor compõe o tema arquetípico da literatura fantástica a partir do conceito de *doppelgänger*, o duplo assustador. A inquietante estranheza do duplo é também evocada pelo conceito de *unheimlich*, presente no texto de Freud sobre os múltiplos sentidos da palavra alemã. Em geral traduzido para o português como “estranho”, “sinistro”, o termo envolve também, paradoxalmente, o sentido de “familiar”. Freud desenvolve o tema a partir de uma revisão dos sentidos do termo em diferentes dicionários e agrega à discussão o pensamento de Schelling, para quem, *unheimlich* significa “o nome de tudo o que deveria ter permanecido... secreto e oculto, mas veio à luz”. Para exemplificar o conceito, Felinto nos remete ao conto de Kafka “Preocupações de um pai de família”, no qual o protagonista se vê às voltas com Odradek, uma misteriosa criatura que habita sua casa. Para o narrador do conto, Odradek é algo sinistro, simultaneamente familiar e estranho e, à medida que não tem objetivo, deve existir em uma outra dimensão de tempo e espaço (p. 34-35). Nesse capítulo também é abordada a original arqueologia das mídias de Kittler e suas conexões com a psicotecnologia de Munsterberg, a psicanálise, os espectros e o cinema. Para Kittler, “um meio é um meio é um meio” (KITTLER, 1990, p. 229).

O segundo capítulo, mais enxuto, se denomina “Temporalizando o fantasma” e inicia com a epígrafe “un sentimiento suspendido en el tiempo” (“Um sentimento suspenso no tempo”). A princípio, o fantasma é, simultaneamente, uma ruptura no fluxo do tempo (à medida que não tem um fim) e uma representação do retorno, da repetição. Como imagem, o fantasmático é aquilo que se reencena indefinidamente (p. 51). Para exemplificar suas teorias, o autor apresenta o filme *Donnie Darko* (direção de Richard Kelly, 2001),

no qual um fantasma que vem do futuro (Frank) atormenta um adolescente e o conduz a conhecer portais de diferentes realidades. A questão do sonhador que sonha um sonho, assim como o paradoxo lógico do filme dentro filme, são alguns dos temas explorados. Para tornar ainda mais complexo o problema, poder-se-ia sugerir uma viagem ao pensamento deleuziano, principalmente aos territórios da *Lógica do sentido* (DELEUZE, 1974).

O terceiro e quarto capítulos, "Fenomenologia da imagem fantasmagórica" e "Fantasma e tecnologia", respectivamente, falam da imagem como fantasma, do fantasma como imagem e da produção de fantasmas. No desenvolvimento do texto são apresentadas pesquisas sobre fotografia espírita, os espectros e a imagem televisiva, além de algumas pontuações sobre as fantasmagorias digitais. Essas relações nos levam a pensar em projetos da internet como "Ghost watcher" (www.ghostwatcher.com), que trata da produção coletiva de fantasmas e das narrativas que circundam as redes de comunicação (LEÃO, 2002, p. 114-115).

A tecnologia como fantasmagórica é o foco de "O fantasma como aparato comunicacional", quinto capítulo do livro. A reprodução viral e a transformação da realidade em fantasmagoria são discutidas a partir dos filmes *O chamado e Pulse*.

A questão se inverte no sexto e último capítulo do livro, "Nós, os fantasmas?". Inspirado pela fala do personagem de *A espinha do diabo*: "um fantasma, esse sou eu", Felinto mergulha em reflexões a respeito do imaginário tecnológico e a fantasmização do real:

Hoje, o fantasma é, sem dúvida, uma das nossas formas mais significantes de representar o terror tecnológico. Mas ele pode ser, também, mais que isso. (p. 124)

Na viagem a que Felinto nos conduz, a ambiguidade é a pista para se perceber os sentidos paradoxais que a fantasmagoria evoca. Entender o fantasma como manifestação de um desejo de presença pervasivo é abrir espaço para imaginações e devaneios.

Referências

- DELEUZE, G. (1974). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- KITTLER, F. (1990). *Discourse networks: 1800/1900*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- LEÃO, L. (2002). *A estética do labirinto*. São Paulo: Anhembi Morumbi.

LUCIA LEÃO é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É autora de vários livros, entre eles: *O labirinto da hipermídia* (Iluminuras, 1999) e *O chip e o caleidoscópio* (Senac, 2005).

lucia@lucialeao.pro.br

